

AURORA CEARENSE.

JORNAL ILLUSTRADO, LITTERARIO, SCIENTIFICO E NOTICIOSO.

ANNO I.

A AURORA CEARENSE publica-se uma vez por semana com duas paginas de gravura e seis de texto, além de supplementos contendo estampas sempre que for possível. Assigna-se na praça da Municipalidade n. 31 a razão de 5U000 por semestre e 10U000 por anno. Para fóra da capital e da provincia as assignaturas serão reguladas á razão de 6U000 por semestre e 11U000 por anno. O pagamento é sempre adiantado.

NUMERO 4.

DOMINGO 17 DE JUNHO DE 1866.

AURORA CEARENSE.

Educação.

Nós nascemos fracos, e carecemos de forças; nascemos desprovidos de tudo, e precisamos de juizo.

Tudo, de que havemos mister desde o berço, nos é dado pela educação.

Esta nos vem da natureza, ou dos homens, ou das cousas.

O desenvolvimento interno das nossas faculdades e órgãos é a educação da natureza. O uso que nos ensinão a fazer desse desenvolvimento, é a educação dos homens; e a aquisição da nossa propria experiencia sobre os objectos, que nos affectão, é a educação das cousas.

Assim pois, cada um de nós é formado por trez qualidades de mestres. O discipulo, em quem essas diversas ligões se contrariarem, será mal educado, e sempre discordante consigo mesmo; aquelles que recahirem sobre os mesmos pontos, e se dirigirem aos mesmos fins, chegarão ao seo termo, e coherentemente. O homem que reunir todas essas cousas, será o unico bem educado.

A educação dos primeiros annos é a que mais importa, e esta primeira educação pertence sem duvida ás mulheres; si o autor da natureza quizesse, que ella pertencesse aos homens, ter-lhes-ia dado leite para alimentar os filhos.

Quando se trata de educação, deve-se fallar com preferencia ás mulheres; porque alem de estarem ellas mais no caso de vigiar de mais perto sobre este objecto, influem sempre mais que o homem. O bom exito da boa educação interessa-as muito de perto; porque a maior parte das viúvas achão-se muitas vezes á disposição de seus filhos, e então estes lhes fazem conhecer vivamente para bem e para mal o effeito do modo, porque serão educados.

As leis são sempre muito occupadas dos bens, e mui pouco das pessoas; por quanto tendo por objecto a paz, e não a virtude, não dão bastante autoridade ás mães.

Entretanto o seu estado é mais seguro, do que o dos pais: seus deveres são mais custosos, seus cuidados importão mais á boa ordem da familia, e geralmente fallando, ellas tem mais amizade aos filhos.

Occasiões ha em que o filho, que falta com o respeito a seo pai, pôde de algum modo ser desculpado; mas si em qualquer occasião, que for, o filho não respeitar sua mãe, sua mãe que o trouxe nove mezes no ventre, que o nutrio em seu peito, que annos inteiros esqueceo-se de si mesmo para se occupar só d'elle, um miseravel destes deveria

ser estrangulado como um monstro indigno de viver entre os homens.

No começo da vida, quando a memoria e imaginação ainda são inactivas, o menino só attende para o que lhe affecta actualmente os sentidos. As sensações são os primeiros materiaes de seus conhecimentos; por isso offerecer-lhas em uma ordem conveniente é preparar-lhes a memoria para as prestar um dia ao seo entendimento na mesma ordem; mas como elle não attende, serão ás sensações, basta a principio mostrar-lhe distinctamente as ligações dessas mesmas sensações com os objectos que as produzem.

O menino quer tocar em tudo, em tudo que mecher: não vos opponhaes a esta inquietação porque ella suggere-lhe um ensaio muito preciso. E' por este modo que elle aprende a sentir o calor, o frio, a dureza, a moleza, o pezo, a ligeireza dos corpos: a julgar da sua grandeza, figura, e outras qualidades sensiveis, olhando, apalpando, ouvindo sobre tudo comparando a vista ao tacto, julgando pelos olhos da sensação, o que tem debaixo dos dedos.

Só pelo movimento é que aprendemos, que cousa fóra de nós; e só pelo nosso proprio movimento é que adquirimos a ideia da extensão.

E' por falta desta ideia que o menino extend indifferentemente a mão para agarrar o objecto que só está diante d'elle, um passo.

Este esforgo, que elle faz, parece ser um signa de imperio; uma ordem que intima ao objecto para que se lhe aproxime, ou para que alguém lh leve; mas não é assim; é mais rasoavel pensar que depois de ter visto com os olhos os objectos vendo-os na extremidade de seus braços não imagina que haja extensão, senão aquella, em que pôde tocar.

Logo o nosso cuidado deve ser faze-lo passe muitas vezes, transporta-lo de um para outro lugar afim de que elle aprenda a julgar das distancias. Quando começar a conhece-los, então é mister mudar de methodo, e leva-lo como aprouver, porque logo que não for enganado pelos sentidos, seo esforgo mudará de causa.

A urgencia das precisões exprime-se por signaes todas as vezes que para as satisfazer necessita de soccorro estranho. Dahi vem os gritos dos meninos. Elles chorão muito: assim o deve ser porque todas ás suas sensações são effectivas: quando estas são agradaveis, elles gosão em silencio: quando são dolorosas, elles o dizem em sua linguagem. pedem auxilio. O menino em quanto acordado não pôde permanecer em estado de indifferença: elle ou dorme ou é affectado.

Daqui vem que o menino, á proporção que cresce e adquire forças, torna-se menos quieto, e mais bolicoso, é pois preciso deixar-lhes o uso de su

faculdades tanto quanto não possam abusar d'ellas.

Conceda-se aos meninos liberdade verdadeira, e menos capricho, deixa-os obrar mais por si mesmos, e exigir menos de outrem.

Por este modo acostumando-se logo a limitar os seus desejos na proporção de suas forças, elles sentirão pouco a privação das cousas, que não estiverem em seu poder.

O menino que só conhece as precisões physicas, não chora senão quando padece: o que é uma grande vantagem, porque então sabemos á ponto cru', quando precisão de soccorro, e não nos deixemos demorar, si for possível.

Mas não o sendo, devemos ficar quietos sem procurar mais lisongear-o para o acalantar, por quanto as nossas caricias não lhes curarão a raivinha, ao mesmo tempo que elle irá aprendendo o que deve fazer todas as vezes que quizer, que o lisongêem.

Reparem bem os pais de familias, e verão quanto é prejudicial fazer todas as vontades ás crianças.

Um menino quer, por exemplo, estar comendo golodices a todo o instante: si quem os governa vai condescendendo com elle, em pouco tempo não ha comer que farte, torna-se obeso, pesado e estúpido.

Não pensão os pais o mal gravissimo que fazem a seus filhos em lisongear todos os seus caprichos.

Esta vida é um motu continuo de precisões e vicissitudes: si o menino em seus primeiros annos não se habitua a soffrer algumas precisões, e fazer violencias a seus caprichos, ao depois é quasi impossivel torna-lo moderado e soffredor: e si lhe falecem meios, não ha crime que não commetta toda vez que quizer satisfazer essas mesmas precisões, que para elle se tem tornado indispensaveis pela repetição de actos.

E então?

Então se devem lembrar os pais, que elles são os causadores das desgraças de seus filhos.

Em outro numero desenvolveremos a nossa epigraphie quanto a idade do menino mais crescida, e no estado de ir para a escola.

Toca a todos.

No código da municipalidade existe a postura n. 103 que diz assim:

«Os donos das casas, frentes e terrenos dentro da planta da cidade são obrigados a extinguir os formigueiros, que existirem na amplidão de suas propriedades.

«O infractor incorrerá na multa de 8000 réis, e o mesmo nas reincidencias.»

Quizeramos chamar a attenção da camara municipal para a execução desta postura, agora que a extinção desses damnhinhos é mais facil e menos dispendiosa em rasão de os formigueiros terem subido a flôr da terra por amor do inverno, mas observamos que o disposto na postura mal poderá ser executado pelos municipes, si de sua parte a mesma camara não intervier com a sua acção extinctiva nas pragas e logradouros publicos.

Si a sede dos formigueiros não for em lugar de propriedade particular, como multar os particulares quando dahi elles se ramificão ou extendem os seus dominios pelas casas dos municipes?

A acção de extinguir os formigueiros deve ser conjunta empregada por todos e quasi ao mesmo tempo, porque em balde um extinguirá as formigas em sua habitação; ellas mudarão de pouzo, e invadirão as casas dos visinhos.

Depois disto a difficuldade de julgar-se com justiça, quem seja infractor, não é pequena. Um dirá, já extingui a maldita praga, mas esta nova camada vem do meo visinho, este se queixará do immediato, e assim por diante, e a multa irá cair muitas veses immerecida e injustamente sobre os senhores das casas e terrenos.

Entretanto é reconhecido o grande damno, que estes insectos tem feito na edificação da cidade, na estagão que temos tido por demais invernosa, pondo por terra muitas frentes, e até casas já habitadas.

Não sabemos si conviria uma postura para que os alicerces das novas edificações se tisessem á cal em vez de barro, pois não resta duvida que as formigas solapando os alicerces das casas por serem de barro e tijolo, fazem abater as paredes e com ellas todo o edificio.

E' verdade que a existencia de uma postura obrigando os proprietarios a lansar os alicerces das casas com tijolo e cal, seria mais dispendiosa, mas esta medida casaria o interesse individual com o interesse publico, e certo que não teriamos a lamentar desastres e casos fataes na população.

A camara municipal, que não ha sido descuidosa em providenciar a respeito do bem do municipio, fará mais um serviso á cidade, si tomar na devida consideração estas linhas.

RELIGIÃO.

O abandono de Deos.

E' muito commum na bocca de alguém, quando seus designios se não realisão, ou estes respeitem á aquisição de um bem ou termo de um mal, o dizer = Deus está esquecido de mim, me tem abandonado.

Isto é uma blasfemia. Vejamos si o podemos provar.

O abandono que Deos faz do peccador é o castigo mais terrivel, que elle póde experimentar, e a prova maior que Deos dá de sua justa ira, é permittir que um peccado seja o castigo de outro peccado.

E' o estado mais funesto, em que o homem póde cair, porque Deos entrega então o peccador ao seu sentido reprovado. Um esquecimento total de Deos, e do cuidado de sua salvagão, uma vida criminosa, o endurecimento do coração, são as causas deste abandono.

E'. segundo os Theologos, um signal ordinario de reprovagão, e o seu effeito é muitas vezes a impenitencia final.

Porem, segundo observão os padres, Deos não abandona o homem, senão depois d'elle se ter abandonado a si mesmo, e então o homem ainda o mais illustrado e sabio é capaz de precipitar-se nos maiores excessos; e neste caso para nós, não é Deos que abandona o peccador, mas este é que abandona sen Deos.

Porque Deos absolutamente não desampara a creatura de modo a priva-la de toda a graça, e nem se fecha o thesouro das misericordias do Senhor sem recurso para aquelles, que sinceramente querem voltar a elle.

Aquelles pois que julgão-se abandonados de Deos, não se demorem, nem diffirão de dia em dia o importantissimo negocio de sua salvagão, para que lhes não sorprenda a morte e se verifique para elles estas timiveis e sagradas palavras = *vocavi et renuistis, extendi manum meam et non fuit, qui aspicerit* = *Desperixits omne concilium meum, et increpationes*

meas neglexistis, et in peccato vestro moriemini.

As trevas espirituas cahem de borbotão sobre o infeliz, de quem Deus acabou de arredar-se. Cessão todas as fontes donde brotára o bem: esterilisa-se todos os pensamentos de arrependimento, de temor de Deus. Si por ventura desponta algum remorso, elle é logo suffocado, e o peccador acaba por ter a morte como tivera a vida.

Daqui se deve colligir que por maiores que sejam as adversidades que afflijão o homem, elle nunca deve desesperar da divina providencia; porque Deus não quer que a creatura perega impenitente, e renegando da sua misericordia, porem que se converta e viva.

A providencia divina é tão immensa como Deus, tão sabia como elle.

A providencia faz a conservação de tudo quanto existe. O que se creou pelo poder, conserva-se pela providencia. O que se estabeleceu pela justiça, regula-se pela providencia. O que se dirigiu pela sabedoria perpetua-se pela providencia. O que se perdôa pela misericordia, sustenta-se pela providencia.

A providencia é em si mesma a vida, agraga, a ordem, o poder, a sabedoria, o conselho, a conservação, a intelligencia, a justiça, o perdão, o castigo, a bondade, e tudo junto.

Deus permite que seja vendido José por seus irmãos, preso e carregado de ferros, e que o mesmo saia glorioso da prisão para mandar sobre todo o Egypto. Permite que Moisés seja exposto sobre as aguas do Nilo, e que logo seja educado como um príncipe no palacio do mesmo rei, que a pouco decretára a sua morte.

Não desespere portanto o homem, não blasfeme contra a providencia, não abandone o temor de Deus volte-se para elle em qualquer occasião, em que se ache afflicto, e Deus ouvirá os seus brados.

CHRONICA JUDICIARIA.

Tribunal de Jury.

SESSÃO DO DIA 11 DO CORRENTE.

Presidencia interina do Dr. Manoel da Cunha e Figueiredo.

Feita a chamada verificou-se terem comparecido 38 jurados.

Foram multados em 20U000 por falta de comparecimento os jurados Joaquim da Costa Tavares, Manoel de Souza Garcia, Manoel Ignacio Rodrigues, Vicente Ferreira da Rocha, Joaquim Moreira de Góes, Vicente Ferreira da Costa Sampaio

Foram dispensados da primeira Sessão os jurados João Leonel de Alencar e Estevão da Rocha Mello.

Entrou em julgamento o réo Manoel Marques de Sousa, pronunciado como incurso no art. 205 do código criminal por offensas physicas na pessoa de Manoel Felipe de Santiago em dias de outubro de 1864 na praça desta cidade.

O jury de sentença ficou assim composto :

José Varonil Bizerra de Albuquerque.

Antonio da Silva Albano.

Manoel de Gouveia Pinto.

Luiz Antonio de Medeiros.

Antonio Franco Alves de Mello.

Manoel Gomes da Silva Lisboa.

José de Castro Barbosa.

Alcino Gomes Brasil.

José Cavalcante de Araujo.

José Nogueira de Holanda Lima,

Rufino José de Gouveia.

Francisco José d'Oliveira Figueiredo,

Foi o réo absolvido por unanimidade de votos, tendo por advogado o Dr. Pedro Pereira da Silva Guimarães, e levantou-se a sessão ás 2 horas da tarde.

Dia 12.

Compareceram 38 jurados.

Foram multados em 20U000 os jurados multados na sessão de 11.

Foi dispensado por motivo de molestia o jurado Aderaldo de Alencar Araripe e Antonio Romualdo de Holanda.

Entrou em julgamento o réo Paulino Pereira da Silva pronunciado no art. 201 do código criminal por ferimentos praticados na pessoa de Joanna Baptista.

Foram sorteados para o jury de sentença os jurados João Pereira Façanha, Lesko Belmiro de Souza, Valente José da Costa, Pedro Xavier de Aquino, Manoel Gomes da Silva Lisboa, Francisco José de Oliveira Figueiredo, Joaquim Ferreira Braga, José Nogueira de Holanda Lima, Antonio da Silva Albano, José de Castro Barboza, Luiz Antonio de Medeiros e Manoel Joaquim da Silva.

Foi o réo absolvido por nove votos, tendo por advogado o Dr. Pedro Pereira da Silva Guimarães.

Dia 13.

Não houve sessão por falta de numero legal de jurados.

Dia 14.

Compareceram 37 jurados.

Foram multados em 20U000 os jurados Joaquim da Costa Tavares, Manoel de Souza Garcia, Manoel Ignacio Rodrigues, Joaquim Moreira de Goes, e Vicente Ferreira da Costa Sampaio.

Foi relevado da multa e dispensado de servir na presente sessão, por motivo de molestia, o jurado Vicente Ferreira da Rocha.

Entrou em julgamento o réo José da Frota Lima accusado de haver no dia 10 de margo deste anno feito ferimentos graves em Raimundo Soares.

Deu o seguinte resultado o sorteio do jury de sentença :

Dr. José Piauhilino Mendes Magalhães.

Antonio Franco Alves de Mello,

Manoel de Gouveia Pinto.

Valente José da Costa.

Manoel Joaquim da Silva.

Manoel Gomes da Silva Lisboa.

José Varonil Bizerra de Albuquerque.

Joaquim Ferreira Braga.

Rufino José de Gouveia.

Marcos Xavier de Castro Silva.

Luiz Antonio de Medeiros.

João Pereira Façanha.

Foi o réo condemnado a quatorze mezes de prisão simples e multa correspondente a metade do tempo, gráo minimo do art. 205 do código criminal; tendo elle por advogado o Dr. Pedro Pereira da Silva Guimarães.

Dia 15.

Não houve sessão por falta de numero legal de jurados.

Foram multados em 20U000 rs. os Srs. Dr. José Lourenço de Castro Silva, Joaquim da Costa Tavares; Manoel de Souza Garcia, Manoel Ignacio Rodrigues, João da Matta Xavier de Goes, Joaquim

Morcira de Goes, Vicente Ferreira da Costa Sampaio e Manoel Franklim do Amaral.

Juizo de direito.

Houve audiencia na sexta-feira, e foi publicado somente o despacho seguinte.

=Aggravo interposto pelo juiz de paz de Mecejana da sentença que o julgou suspeito na causa entre parte, Tristão Antunes de Alencar e Etelvino Teixeira Bastos.=

Tendo sido a sentença de que se aggrava proferida por mim na qualidade de juiz municipal, deixo de tomar conhecimento do presente aggravo, e mando que o escrivão, depois de riscar os periodos da minuta do advogado Theophilo Rufino Bezerra de Menezes, que vão apontados á margem, e contem calumnias e injurias, faça estes autos conclusos ao meu substituto, o Dr. juiz municipal de Maranguape.= Fortaleza, 14 de junho de 1866.=Manoel da Cunha e Figueiredo.

Juizo Municipal.

Aggravo interposto pelo juiz de paz de Mecejana da sentença que o julgou suspeito ao recusante Etelvino Teixeira Bastos.

Não sendo a especie da questão nenhuma das enumeradas nos differentes paragraphos do art. 15 do regulamento de 15 de março de 1842, nem tão pouco a de que trata o art. 18 do mesmo regulamento, casos unicos em que é hoje admissivel o aggravo, pois que toda a mais legislação anterior se acha revogada, entende este juizo que não póde ter lugar o aggravo interposto pelo juiz recusado da sentença de fl. 26, que aceitou a suspeição, que lhe poz o recusante Etelvino Teixeira Bastos, e que foi exuberantemente provada com a justificação de fl. 20 a fl. 25. Entretanto o escrivão faça estes autos conclusos ao juiz *ad quem* para decidir como for de justiça e direito.=Fortaleza 12 de junho de 1866.=Gonçalo de Almeida Souto.

Juizo de Paz.

Houve audiencia na segunda e quinta feira, e accusaram-se as citações seguintes:

Autor José Henrique Garcia=réo Francisco José d'Oliveira Figueiredo.

Não se conciliaram.

Autor Francisco José d'Oliveira Figueiredo=réo José Henrique Garcia.

Não se conciliaram.

Autores Almeida & Irmão=réo Antonio Verediano.

Não se conciliaram.

Autor Manoel Dias=réo João Noberto de Mello.

Não se conciliaram.

LITTERATURA.

O amor, e o culto da Madaglena.

Traduzido do Francês,

Artistas. O que tendes feito pelo amor, esta odorifera flôr que embalsama a existencia humana?

Divino Erós, onde existe teu culto?

Onde teus altares, pudica Venus?

Seductores encantos dos lagos espirituaes, quem vos ha comprehendido, e quem meditou patentear-vos a este mundo brutal?

Não passaremos mais dos tepidos e cheirosos bosques de Amathonte aos frescos e olorosos jardins de *Celadonia*, tão apreciada por seus ricos thesouros, mas, ah! quasi deserta ainda, e menospresada hoje por nossos rudes marinheiros!

Não iremos á descoberta de um mundo desconhecido, em que as castas voluptuosidades da alma se não aos estuantes calores, onde os extasis de S. Theresa são realidades, onde Maria Magdalena depára com o ideal, em que se basea o insaciavel amor, chama perenne e eterna de seu coração?

A' esta hora, para a mocidade franceza, o rival da paixão celeste, he o tabaco, asqueirosa substancia, distracção dos solitarios; o tabaco que isola o homem da mulher, e faz com que o sexo forte renuncie pouco a pouco a todas as suaves e divinas seducções do sexo fragil!

Os botequins, os divans, substituiram aos salões: o divan! denominação caracteristica, verbo emprestado das regiões do Oriente, onde a mulher vive afastada da sociedade, onde a mulher he escrava!

Reina, pois, a epoca da *tabacrocia*!

Os mancebos, nas horas de descanso, consomem o tempo encafuados nos botequins, involtos em nuvens de fumo, entregues aos unicos laços da amizade, e só desenvolvendo em sua alma affectiva o espirito da camaradagem ah! e todos absorvidos por uma atmospha insalubre e empestada!

São bons e dedicados amigos, não são, porem, amantes...

Entramos em uma epocha em que as reuniões livres, pela afinidade dos caracteres e funcções, tendem a substituir-se pelas reuniões particulares, e os clubs fazem abandonar os salões.

Entretanto, um resto de preconceitos barbaros e estupidas instituções que captivavão o sexo fragil, não permitia que se abrissem ás mulheres as portas das assembléas publicas: vimos produzir-se os mais detestaveis effeitos desse acto da mais supina ignorancia.

Foi um triste periodo da mais penivel transição.

Os artistas conservavão-se mudos e extacticos em prezença de qualquer modelo inerte, pura materia.

Os modelos! pobres moças, a quem a necessidade e a miseria mata o pudor! mulheres que se retratão a peso de dinheiro!..

Em harmonia iguaes impurezas são desconhecidas.

Mas, sem appellarmos e recorreremos ás sociedades futuras, não sabemos que, na Grecia antiga, as mulheres mais formosas e intelligentes disputaram-se a honra de serem retratadas por Apelles e Praxitelles?.

Hoje, pintores e esculptores estão condemnados á companhia de uma mulher, cuja alma não saberia revelar-se; cujos sentimentos só conhecem o exterior, a côr, o temperamento, de uma mulher, enfim, sem pudor...

Ora, uma mulher, sem o pejo que estremece e córra ao menor contacto, he uma flôr sem perfume.

Aproximando-se a noite vão ao club, ao divan jogar, fumar e fraternisar com os barbaças.

Como poderão elles lembrar-se de cantar o amor?

Não viverão na intimidade de Deus, não visitarão as perfumadas margens dos bosques e odoriferas aléas dos jardins, não se elevarão as radiosas atmosferas, não se innudarão dos celestes odores!

Meo Deus! perdoai-lhes o haverem esquecido esta parte de vosso culto, o amor: elles não sabem o que fazem!

Estava o salão bem pobre de amores ás inspirações. A original e brilhante phantasia de Mr. Papety (Memphis) respira o fogo dos amores pagãos.

Este corpo flexivel e poderoso, visto atravez das

ondas das ricas e transparentes mousselines, este homem deitado na attitude do Sphinx e que robustece sua forga nas harmonias da arte e da natureza, tudo nesta obra exprime justamente a paixão sensual dos povos semibárbaros.

Madama Celeste Pensotti he mais christã: seu *sonho nocturno* he um sonho de amor terno, melancólico e voluptuoso.

M. Glaize, cujo pincel he suave, fez uma *Gaithéa* de estatura mui elevada, patente e a descoberto: nada ahi se pode procurar, e o pintor quebrantou o primeiro preceito da rethorica amorosa, o pudor.

M. Matou esforgou-se para reproduzir estas impressões delicadas.

Nats disendo a Daphins:

«Onde devo occultar-me? Ah! estou nua! Para onde fugir?» exprime mui bem sua emoção pudica pelo movimento da cabeça e dos braços.

Mas para que este tóro firme e ao mesmo tempo em repouso? Não possui elle o estremecimento profundo, esta emoção seductora, que bem combinados darião ao artista um successo de fanatismo?

Todas as mulheres estacionarião em face de sua obra.

M. Matou inspira-se das ideas felizes da mythologia, e nós felicitamo-lo por isso; mas de veria corrigir suas formas mui grosseiras, dar mais realce as suas figuras e estatuas, banhal-as de um ar mais vivo, e estudar na escola de Mr. Delacroix, Corot, a transparencia da atmospherã e a harmonia das cores.

Citaremos por este motivo, o *Atala depois da tempestade* de M. Elmerich.

Nota-se nessa tela antes a idéa dos viajores perdidos nas florestas selvagens e encontrados pelo cão de um eremita do que a emoção dos supremos desejos e do pudor que se purpurea de carmim e chora de vergonha.

He simplesmente um sitio sombreado por figuras.

Ah! quem nos pintará paisagens respirando amor?

A *offerta a Venus* de Goldschmidt he um motivo encantador delineado com sequidão:

Os esculptores deverão renunciar especialmente as *Ledas*, as *Europas* e outras monstruosidades pagãs.

M. Ramus, mais delicado que M. Revillon, quiz dar á luz o primeiro pensamento de uma virgem amante.

A estatua está inanimada, mas deixa muito a meditar sobre o amor.

M. Baron he sempre amavel, elegante e risonho: nos *Adens do pai Philippe*, tudo respira a festa da inocidade, a dança e folguedos dos amantes, e tomamos interesse por esse pobre moço seduzido e arrancado pelo solitario ás doces voluptas, para se entregar ao rude trabalho e tedios da solidão.

Tem-se muitas vezes censurado a M. Baron, dotado de tão brilhantes qualidades, não ter muita variedade nos toques, e tratar em pouco o colorido da carne, como se fosse a cor da muralha; damos-lhe este conselho de amizade. Quereria-mos somente ter que admirar-o.

Jouvence, he o sonho feérico das naturezas ternas e voluptuosas: porque motivo, quer-se rejuvenecer, senão é para o amor?

M. Willian Haussolier, tratando deste nativo com um methodo enfadonho, adoptado da pintura de imitação dos antigos mestres, revela faculdades, talento elegante, gosto e distincção.

Que M. Haussolier cuide mais de occupar-se do claro escuro, da cor, da variedade infinita, da mobilidade das nuangas, e obterá honrosos successos.

Não esquegamos uma pequena tela de M. Charles Nery, a *viagem a Cithera*. Cupido faz de seu arco uma embarcação: a pharethra serve de leme, uma fle-

xa corta na proa a onda, assentado na corda, o maligno deus abre seu avental ao vento, e elle proprio assoprando a vela, aproa seu navio a ilha do amor.

He um quadro de uma brilhante fantasia.

Quereriamos tambem contar a *Phryné* de M. Pradier, o habil estatuario, entre os quadros do amor.

Phryné é uma das que foi muito amada, e ella deveria ter tambem amado algum tanto. Mas he impossivel que a imaginação mais fecunda faga desenvolver o menor sopro amoroso desta cabeça de convenção antiga, insignificante e nulla. A figura de M. Pradier he um trabalho admiravel, uma obra prima de modelo, de carne viva; mas nella só vemos um motivo de excellente observação, para os olhos, um estudo de formas, onde o amor não existe seriamente desenvolvido.

E este amor existe no grupo antigo de *Flora e Zephyro*; existe na *Magdalena*: he uma amante que lamenta, que chora e que aspira. Em lugar da dor do anachoreta, advinha-se a alma amorosa que definha.

Esta sublime figura do amor inspirou generosamente a M. Grosclande, autor de uma outra pintura detestavel uma classica *Norma*.

Esquegamos *Norma*, a barbara, entregue ás paixões do inferno pagão, e querendo matar dominada pelo ciúme: contemplemos *Madaglena*, a christã, a terna e doce martyr do amor.

Por certo, desejar-se-hia um desenho mais suave, um modelo mais elegante; não parece penetrar profundamente o artista nos orgãos da existencia? Mas esta *Magdalena* colloca M. Grosclande na linha dos nossos melhores pintores de sentimento.

Conhecemos *Madaglenas* (as de Guido Reni), cujo ascetismo he mais poderoso; não conhecemos quem tenha mais amado no universo e mais soffrido pelo amor.

Que fogos ardentes e scintillantes despedirão seus olhos? Com que palavras e beijos não tremerão esses fortes e formosos labios, a esta hora, empallecidos; que de bondade, de ternura e nobresa d'alma não transpira seu todo!

Um artista de merito, Mr. Gigoux não desempenhou com successo um motivo bem escolhido o *cavalleiro de Grioux chorando ao lado do corpo de Manon Lescaut*: era uma outra *Magdalena* purificada pelo amor. (1)

Magdalena! Magdalena! simbolo sublime da emancipação da mulher pelo amor!

Magdalena, he a mulher fugindo ás brutas sensualidades, á prostituição, ao captiveiro em que o homem material a conservava, e que reassume sua dignidade, porque se vê aos pés de Christo, elevando-se aos effluvios da adoração espiritual.

Magdalena não exprime sómente o arrependimento depois da queda; he a victima de um amor falso, é a martyr das paixões libidinosas; he a alma insaciavel que, do seio de nossas desordens e excessos, aspira ao livre, expansivo e eterno amor, e que só depara com o refugio no divino Christo, no Ceo.

Magdalena, he o typo da mulher amante nas sociedades selvagens, patriarchaes, barbaras e civilizadas.

O homem Deos revelou a lei religiosa da amizade, da fraternidade universal; patenteou a lei

(1) Pode-se criticar em Canova o estylo effeminado e rasteiro, a moleza, a insensibilidade material; mas a estatuarã deve entretanto um verdadeiro progresso a esse artista.

Os sculptores gregos produzirão a belleza perfeita exterior e exprimirão a grandesa dos caracteres; Miguel Angelo e Pujot o movimento, a animação da vida instinctual, a frouxidão das carnes, o soffrimento do corpo; Canova como que daguerecoteipou no marmore a propria e positiva affeição.

harmoniosa da familia: *Deixai vir ter comigo os meninos, porque delles he o remo dos ceus.*

Depois, chamou para seu lado Magdalena, e recommendou esta sublime e amorosa creatura ao culto e respeito da humanidade; afim de apertar, na mesma historia evangelica, um laço com as revelações ultteriores da sciencia sobre os destinos e phases do amor.

O Christo, he o Deos que simbolisa em si mesmo o martyrio de toda a humanidade, antes da redempção cumprida e sujeita aos designios da Providencia.

Maria, he a imagem melancolica da mãe laboriosa, devotada, inquieta, cançada, e mais ainda menospresada, injuriada mesmo por seu filho, e só encontrando o filho adorado para asistir a sua paixão e chorar sobre sua cruz: Maria é a mãe da dor, tal como ella soffre, em todo o universo e em qualquer parte do globo, onde são conhecidos os martyrios da victima do Calvario os soffrimentos do pendido e enforcado do Golgotha.

Que filho jamais despresou sua mãe? Quem deixou de chorar os males e desgraças de seu filho?

Madaglena, he o simbolo e emblema vivo da amante experimentada e sciente das torpezas que hoje, e outr'ora, corromperão nossa sociedade, os costumes e sã moral, que nella devião predominar; e que por seu halito impuro inda a deturpa.

He sobre esta sociedade, typo de acurado exame e de meditado conselho, que convem estudar o soffrimento e menosprego em que vive e em que é tida a mulher; que mister he estudar para fazer sentir a humanidade a falsidade das relações do amor e miseria da mulher, afim de inicial-a no conhecimento de um mundo novo. em que se baseião as idéas de liberdade, de puresa e ventura; cujas leis forão patenteadas por Charles Fourier, o intrepido e methodico pensador do presente seculo.

A vós, pois, Artistas, cumpre erigirdes altares, e serdes os apóstolos do novo culto!

Continuai a obra de vossos antepassados.

A arte, depois de ter cantado o Homem Deos, seus exemplos, seu martyrio e sua resurreição, adoptou Maria, a segunda figura do livro sagrado.

Com suas cathedraes dedicadas a *Notre Dame*, com sua *Madona col Bambino*, com suas *Saintes familles* consagrou a arte a lei do amor, e concorreo a purificar os costumes, e a derrotar o poder paterno dos tempos barbaros.

Está quasi acabada esta obra religiosa; os paes, corrigidos pelo exemplo de Maria, não tiverão mais que lamentar senão sua autoridade enfraquecida, e a nova instituição creada pelo socialista inglez Owen (sala de azylo, *enfant school*) dá o esboço desta harmoniosa educação que permittio aos paes deverem-se arrastar e dominar pelo attractivo e impulso do coração e assim corromperem os filhos.

Continuai, pois, artistas, a interpetar o verbo.

Adoptai com respeito e piedade o busto venerando do bondoso José, para ensinar a paternidade adoptiva.

Modelai-vos, sobre tudo, na sublime e ascetica Madaglena, para ensinardes ao mundo o respeito da mulher, e o verdadeiro culto, o positivo amor que lhe devemos.

Que cada cidade, villa, aldeia, povoado, e simples choga, eleve um templo a José, porque elle teve fé no misterio da immaculada conceição, porque respeitou, e inda mais, adorou Maria, e a Magdalena, porque amou muito!

Fazei e obrai de modo que a humanidade honre

e respeito em Maria Madaglena a mulher amante, como os misteriosos architectos do seculo XIII; como Leonardo de Vinci, e Raphael de Urbino. lhes ensinarão a respeitar e honrar em Maria a mulher virgem, a mãe innupta.

Pintores, esculptores, poetas, vossos antepassados cantarão Maria, mãe de Deos, e ei-los, vindos os tempos em que deveis emprehender o grande poema de Madaglena, dessa mulher rica de sentimentos e amor, victima dessa paixão que nos allucina; de Madaglena corrompida pela escravidão, purificada pela liberdade, e luses do arrependimento, que lhe fez conhecer o erro, e lacrimosa curvar-se aos pés do madeiro do Golgotha e lhe render homenagem e com lagrimas de arrependimento e sangue gotejado e espadanado do seu coração, pedir a esse madeiro secco, e representativo da redempção do mundo, seu perdão, que lhe foi concedido, porque teve fé no poder do martyr do Calvario: respeitai, e honrai a Madaglena. escrava do homem sensual, feita a mais ardente e fervorosa serva de Deos!

A historia do amor que nosso seculo deve escrever, he a historia santa e gloriosa da mulher.

Quantas victimas! Quantos martyrios!

Entre os homens não são conhecidas as victimas, e raros são os martyres e victimas do amor.

De ordinario, temos, nós os homens desempenhado o papel honroso de policiaes, de carcereiros e de carrascos!

O principio de indulgencia e de sacrificio em amor não está ainda em pratica, somente está escripto no livro da sciencia divina, o *Evangelho*, e no da sciencia humana, a *Theoria da unidade universal*.

Um poeta pronuiciou esta generosa palavra, este poeta é uma mulher.

O *Jaqes* de George Sand, apesar da pusilanimidade que o impelle ao suicidio, é um santo, um martyr do verdadeiro amor, um martyr christão.

Lamartine, Hugo, Dumas, todos os nossos poetas, todos os nossos pensadores, presentirão as leis do puro, legitimo e libre amor.

Artistas, para vós existe tãobem, ali, a fecunda inspiração: ali alcancares o successo de vossos triumphos,

Ignorais, por ventura, que um dos nossos mais eminentes pintores, o mais justamente honrado. Mr. Ary Schefer, deve a melhor e mais interessante parte de sua gloria ao amor?

Ignorais, que em nossa epoca conquista, sobretudo, os respetos e affeições do universo, aquelle que sabe ferir o coração da mulher?

CANÇÃO.

(Ai! se eu soubera!)

Toma, filho, um meu conselho,
Singelo sem palavrões;
Velho e pai sou teu espelho,
Molda por elle as acções...
— Não percas tempo.

Inda alcançaste bons panos,
E casa de pedra e cal;
Mas meus desejos tyrannos
Levaram tudo! = Que tal?!
= Vé meu exemplo.

Não te envergonhe o ser pobre,
Que a pobreza Deus amou;
Somente envergonha o cobre
A'quelle que o ouro esbanjou:
=Poupa e trabalha.

Preza a honra sobre tudo,
Teine a Deus, respeita o Rei,
Ouve muito, e fáz-te mudo,
Que serás feliz=bem sei:
=Isto não falha.

Tem por amigo somente
O fiel exemplo meu;
E transmite-o previdente,
Como herança ao filho teu:
=Dar mais quizera.

E para tudo dizer-te
Do fundo do coração,
Não tenhas de arrepende-te,
E exclama, como eu, em vão.
=Ai! se eu soubera!

SEMANARIO.

=O vapor *Persinunga* procedente de Pernambuco trouxe sobre a guerra importantes noticias, que ainda honrão por demais o valor das nossas forças.

=Por decretos de 11 foram nomeados cavalleiros da ordem de Christo o vigario collado da freguezia de Piancó, da provincia da Parahiba, padre Manoel da Conceição Carvalho e Rosa, e da de S. Bento de Aviz o capitão do 2.º regimento de cavallaria ligeira José Lourenço Vieira Souto.

=Por carta imperial de 4 do corrente foi nomeado 1.º vice-presidente da provincia do Amazonas Gustavo Adolpho Ramos Ferreira.

=Por decreto da mesma data foram nomeados; Commendador da ordem de S. Bento de Aviz, o brigadeiro Antonio de Sampaio.

Cavalleiros da dita ordem, os capitães Miguel Antonio João Rangel de Vasconcellos, Ayres Antonio de Moraes Ancora, e Antonio João Rangel de Vasconcellos Antas.

Cavalleiros da ordem da Rosa, os chefes da secção da contadoria de marinha, José Dias da Costa, Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, Domingos Antonio Machado, José Gonçalves de Barros.

Cavalleiros da ordem de Christo, o padre Fabiano José Moreira de Camargo.

=Foram tambem concedidas aos bachareis Francisco Liberato de Mattos e Manoel José Domingues Codecera, a exoneração de vice-presidente, o primeiro da provincia das Alagoas, e o segundo da do Amazonas;

=Foram removidos a pedido seu:

O juiz de direito Francisco Rodrigues Sette da comarca do Crato, de primeira entrância, na provincia do Ceará para a de Porto Calvo, de segunda entrância, na das Alagoas.

O juiz municipal Manoel Caldas Barreto, dos termos reunidos de Manãos e Barcellos, na provincia do Amazonas, para o de Aracaju na de Sergipe.

=Foram exonerados a seu pedido:

O juiz de direito Manoel Pedro Alvares Moreira Villaboim, do cargo de chefe de policia da provincia da Bahia;

O juiz de direito Sebastião Cardoso, do cargo de chefe de policia da provincia das Alagoas.

=Teve lugar o baile que noticiamos no outro numero, offerecido ao Sr. Dr. Antonio Joaquim Buarque de Nazareth.

Esteve esplendido e bastante concorrido. Assalas do sobrado bem illuminadas, a meza variada e bem servida, e ricos *toilletes* deram áquella festa o esplendor que requeria o objecto della.

O Sr. Dr. Buarque recebeu alli em muitos e bellos discursos as mais significativas provas de estima e consideração.

=Foi demittido do cargo de delegado de policia do termo do Icó o Sr. José Dias Azedo, sendo nomeado em seu lugar o juiz municipal, Dr. José Ladislão Pereira da Silva.

=A camara municipal acaba de tomar excellentes medidas com relação a carne verde, de sorte que está sendo hoje vendida a 120 rs.

Nós agradecemos a essa corporação por nossa parte e em nome da probresa, esse importante beneficio, que veio acabar com o monopolio de que já tratamos em outro numero.

=No lugar competente verão os leitores um despacho do juiz municipal substituto deste termo sobre o agravo interposto pelo juiz de paz de Mecejana da sentença do juiz municipal effectivo, que julgou aquelle juiz suspeito na causa entre partes Tristão Antunes de Alencar e Etelvino Teixeira Bastos.

E' necessario acabar com a chicana que lavra no nosso foro. E' necessario que o advogado compenetre-se melhor dos seus deveres, e que não degrade tanto á essa importante classe.

Si se impozesse sempre a multa de que trata o art. 26 do regulamento de 15 de margo de 1842, era raro requerer-se agravo fóra dos casos do art. 15 do mesmo regulamento.

=Embarcou no dia 14 do corrente para Pernambuco com sua Exma. familia o ex-chefe de policia desta provincia, Dr. Antonio Joaquim Buarque de Nazareth.

Mais uma vez recebeu o Sr. Buarque uma prova mui significativa da estima e consideração que lhe votão os bons cearenses.

Um acompanhamento de numerosas familias distinctas fez convencer a muitos das boas qualidades e virtudes daquelle pernambucano e de sua Exma. senhora.

Ventos bonangosos condução felizmente a seu destino os illustres viajantes.

=Falleceu o official da secretaria do governo, Francisco Adrião de Paula Freire.

O finado era intelligente e dotado de boas qualidades.

=O nosso impressor de litographia, não julgando necessario ir até a corte, desembarcou em Pernambuco, onde está adestrando-se na arte de imprimir, em uma optima officina que alli existe.

Esperamo-lo no dia 28 do corrente, e immediatamente cumprimos a nossa promessa.

MISCELLANEA.

Não se deve julgar dos homens, como de um quadro ou de uma figura, por uma primeira e rapida vista. Ha um interior, que é necessario penetrar, um coração, que é preciso sondar. O véo da modestia encobre o merecimento, a mascara da hypocrisia encobre a perversidade. Não é senão pouco a pouco e com o auxilio poderoso do tempo e das occasiões, que o vicio consummado, assim como a virtude perfeita vem emfim a declarar-se.

O amor, que na vida dos homens não é mais do que um episodio, é a historia inteira da vida da mulher.

M.^{me} de Staël.

A fortuna não muda os homens, desmascara-os.

M.^{me} Beccoboni.

O homem, livre nos seus affectos, póde impunemente preferir seus amigos á sua familia, seus deveres sociaes aos da natureza: ha até heroismo em sacrificar estes ultimos á ambição, ao seu principe, e á sua patria; mas este heroismo na mulher seria uma loucura ridicula; ella não póde, sem incorrer em censura, dar a preferencia a nenhum sentimento, além dos que a natureza lhe trouxe. Deve ser filha e irmã, esposa e mãe, primeiro e antes de ser amiga; e em quanto um dos deveres impostos por estes titulos sagrados lhe restar para cumprir, qualquer affecto exclusivo excitaria um sentimento desaprovador, pois que não lhe é permittido sacrificar a um affecto uma obrigação.

M.^{me} Voisart.

Resposta de um sabio.—Perguntou-se a Cicero o que era Deus. Respondeu—Mas facilmente direi o que Deus não é, que o que é Deus.—Nunca houve mais verdadeira, nem mais profunda doutrina em bocca de pagão.

(Extr.)

Declaração d'amor.—Só um homem de pouca experiencia, dizia Ninon de Lenclos, é que póde fazer uma declaração d'amor, em forma. Uma mulher persuade-se muito mais do que é amada, pelo que advinha, do que pelo que se lhe diz.

(Extr.)

Receita para conservar o calçado.—Um inglez offerece o seguinte processo para conservar o calçado. Durante os ultimos dez annos, diz elle, que acabão de se passar, só tenho comprado tres pares de botas e nenhuns sapatos; e conto de não comprar mais calçado nos primeiros seis annos que ainda teem de correr.

Eis o segredo. Derrete-se ao lume, n'um vaso de barro, um arratel de cêra e meio de rezina; quando tudo está derretido e misturado, aquecem-se as botas, e applica-se-lhe com um pincel a mistura quente, até que a sola e o couro não possam absorver mais; e para dar ás botas o lustro que pedem nesta preparação, dissolve-se uma onça de cêra em outra onça d'oleo de terebentina, a que se ajunta uma colher de pós de sapatos. Um ou dous dias depois do calçado ter sido impregnado da preparação de cêra e resina, engracha-se com a dissolução de cêra e oleo, mas não ao fogo e torna-se asssim lustroso.

O Mandubi.—O Mandubi é uma planta annual, cuja hastea vinga a 2 pés pouco mais ou menos de altura; pede ares quentes e temperados, terra um tanto areenta e solta, e muito abrigo contra os ventos frios.

Os grãos do mandubi torrados são mantimento muito saboroso e sadio. Misturados com assucar supprem o cacáu no fabrico do chocolate. Com um ter-

ço de café e dous deste fructo, tambem torrado moido se faz uma especie de café delicioso. Do mandubi exprimido sahe azeite que leva á muitos re- peitos vantagem ao melhor e mais fino da oliveira porque dá luz mais clara, tempera com melhor gost torna o peixe, frito nelle mais saboroso. Emprega- na pintura e no sabão. Da massa que fica depois oleo exprimido, faz-se pão, misturando-se co qualquer genero de farinha. A raiz da planta su- pre a do alcaguz, e as folhas são forragem para gados. Em summa nenhuma parte deste abengoa vegetal é perdido.

Parecia pois da mais palpitante necessidade q- os nossos agricultores, visto a propriedade do nos- solo se prestar para a cultura do Mandubi, a fizesse em grande escalla, e delle tirarião grande lucro.

Na provincia de Pernambuco e desta para as d- sul cultivão esta planta, que ainda melhor pro- duzirá na nossa.

Parabola.—A republica dos ratos entrou em conselho, e fez uma junta sobre que remedio teria para se verem livres das unhas do gato.

Presidio um arganzaz de bom talento: assenta- ram-se por suas antiguidades os adjuntos: voto- o mais velho: mudemos de estancia; vamo-nos para os armazens de El-Rei, onde não ha gatos e sobejão bastimentos, biscoutos á rodo, queijo a faltar, chacinas de toda a sorte e onde muito homens de bem achão seo remedio, sem lhe custar mais que tomal-o, tambem nós o acharemos que nos contentamos com menos.

Enganai-vos, disse o presidente, comer á cust- de El-Rei, nunca é barato, nem seguro, porqu- quem a galinha de El-Rei come magra, gorda paga, e nos seus armazens ha unhas peiores, qu- as dos gatos, que nada lhes escapa.

Votou outro: (devia ser alentado) sou de parece que cortemos as unhas ao gato.

Acudio o presidente: calai-vos lá morganho; con- tar-lhes-heis vós?

Não dizeis nada, porque logo lhes hão de nasce- outras maiores e mais peçonhentas. Isto de unha- são como enxertos de mato bravo, são como urti- gas e tojos, que nascem sem que os semeem.

Vote outro.

Levantou-se outro, um de cauda larga muito re- verendo, e disse. O meu voto é que lancemos um cascavel ao pescoço do gato, e assim sentimos quan- do vem e pôr-nos-hemos em cobro, como fazem os mateiros no Brasil, quando ouvem as cobras cha- madas cascaveis.

Bellamente dizeis; acudio o Presidente, mas quem hade lançar o cascavel ao gato? Lançalo-heis-vos?

Eu não respondeu elle, nem eu.... nem eu....

Pois malheiros se nenhum de vós hade fazer o que diz e approva, para que me votais aqui cousa impossiveis? Não vedes que nos destruiremos, e a nossa republica se intentarmos em cousas que não podem ser, porque nos hão de dar na cabeça todo esses remedios?

E acabou-se a assembléa. conselho, ou junta.

N. B. A moralidade do conto fica ao bom senso do leitor.